

PARA AMANDA

Talvez, Amanda,

se na tenra juventude não tivesse lido Dostoiévski

e chafurdado em Schopenhauer,

não teria esse semblante soturno

e essa alma fragmentada.

Talvez, assim, Amanda, fosse mais fácil a vida.

Deveria ter me limitado a jogar bombinhas juninas nos quintais alheios,

espreitar a vizinha,

e devorar os antigos almanaques de roupas femininas.

Quem sabe, Amanda, se assim riria à toa

e balançaria o corpo ao som de uma música qualquer,

faria meia dúzia de amigos e assistiria futebol.

Quem sabe, Amanda, como seria...

Quem sabe, Amanda, te faria feliz...

ELA VEM

Talvez ela chegue silenciosa e translúcida
ou venha acompanhada de verdadeiro carnaval e apoteose.

Talvez chegue num dia ensolarado e alegre
ou na calada de uma noite angustiante.

Talvez seus olhos me fascinem e por ela me apaixone
ou desvie meu olhar com imenso terror.

Mas independente como chegue... heroína ou bandida...
que seja

breve,

sutil,

indolor.

DOR E MORFINA

Dor de querer dilacerar o algoz que me olha no espelho.

Dor de brinquedo quebrado,
de bem perdido,
de louça partida em mil e um pedaços, impossível recompor.

Por que cerrei a porta quando deveria contemplar o entardecer?
E por que cruzei os braços quando deveria empunhar armas?
Um silêncio obtuso assaltou-me os lábios quando deveria ter gritado.

E umas palavras toscas assombraram minha boca quando deveria ter calado.

Aborto fosse ao menos não teria essas dores
e não teria lágrimas
e não me assaltariam fantasmas noturnos.

Mas se aborto fosse não teria o beijo de minha filha,
que parece lançar fora a dor
e fazer minha alma adormecer com uma morfina qualquer.